



Fig. 6



Fig. 7

primeiros adultos (Fig. 8). Estes atingem o pico populacional no final do mês de dezembro, podendo ser observados, esporadicamente, até a maturação da soja.

Os primeiros ovos são encontrados em novembro e, alguns dias após, já se observam as larvas, que ocorrem durante todo o ciclo da soja, em idades variáveis. As larvas começam a hibernar no solo, a partir de fevereiro, permanecendo nesta condição até o final de novembro; as primeiras pupas são encontradas a partir de outubro.

CONTROLE

No estágio V3 (planta com duas folhas trifolioladas), o nível de dano econômico é de dois adultos por amostragem (2 m de linha) e, no estágio V6 (cinco folhas trifolioladas), quando a soja está próxima da floração, quatro adultos por amostragem.

O controle químico nem sempre é eficiente. As larvas são pouco atingidas pelos inseticidas, devido à sua localização no interior da haste principal. Os adultos ficam a maior parte do tempo protegidos pela folhagem, nas partes baixas da planta.

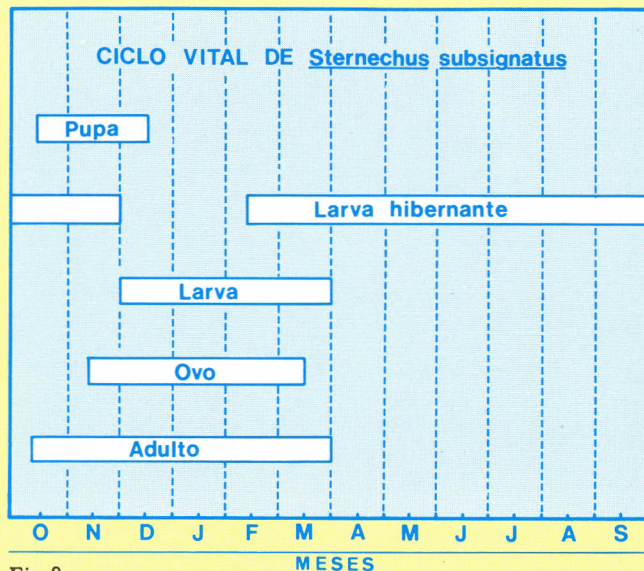


Fig. 8

Além disto, a migração de outras áreas e, provavelmente, o prolongado período de emergência dos insetos, diminuem a eficácia do método. Porém, se a opção do agricultor for pelo controle químico, este deve ser feito com muita água (acima de 200 l/ha) e com bico tipo leque, dirigido para o colo da planta, numa altura que permita ao inseticida atingir o inseto.

O preparo do solo modifica o habitat das pragas que passam uma de suas fases no solo. Portanto, se o solo for revolvido, o inseto pode ser morto, enquanto está na câmara ou abrigo de hibernação.

A semeadura em época que permita à soja, na sua fase mais susceptível, “escapar” ao ataque da praga, pode ser alternativa viável para prevenir perdas de produção. Entretanto, a época ideal de semeadura é diferente para as diversas regiões, dependendo da flutuação populacional do inseto.

A rotação-de-cultura com milho, ou outra gramínea, poderá interromper o ciclo biológico da praga, que não ataca as gramíneas, reduzindo, portanto, a população do inseto na área. Como vantagem adicional desta prática, haverá um melhor rendimento de soja nos anos seguintes.

Texto e fotos: Clara Beatriz Hoffmann-Campo, pesquisadora da EMBRAPA – CNPSO



“Tamanduá-da-soja”

Aspectos Biológicos

Danos e Comportamento

linograf • (0432) 23-8814 - tiragem 10.000 exemplares



EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA – EMBRAPA
 Vinculada ao Ministério de Agricultura
 CENTRO NACIONAL DE PESQUISA DE SOJA – CNPSO
 Rodovia Celso Garcia Cid, km 375 – Fones: 25-1159 e 26-1917
 Telex (0432) 208 - Cx. Postal, 1061 – CEP 86001 – Londrina – PR

Março 1989

“Tamanduá-da soja” (*Sternechus subsignatus*)

aspectos biológicos,

danos e comportamento

O “tamanduá-da-soja”, “bicudo-da-soja” ou “cascudo-da-soja” começou a ser observado em lavouras de soja, a partir de 1973. Porém, mais recentemente, o aumento das populações preocupa os agricultores, especialmente em algumas áreas da Região Tradicional de cultivo de soja (RS, SC e PR). No Paraná, os maiores ataques têm sido verificados nas regiões mais frias e, nestas, onde é feita semeadura direta da soja.

O potencial de danos é grande, porque tanto os adultos quanto as larvas podem danificar a planta, principalmente quando a população é alta e ocorre na fase inicial de desenvolvimento da cultura. Nessa situação, pode haver perda total da lavoura.

Os adultos são gorgulhos de aproximadamente 8 mm de comprimento, coloração preta e listras amarelas no pronoto (parte dorsal do tórax próxima da cabeça) e nos élitros (asas duras), formadas por pequenas escamas.

Para realizar a postura, a fêmea faz um anelamento na haste principal, cortando toda a epiderme (casca) (Fig. 1).



Fig. 1

Eventualmente, são encontrados ovos nos ramos laterais e até nos pecíolos das folhas. Os ovos têm coloração amarela e são postos em orifícios protegidos pelas fibras dos tecidos cortados por ocasião do anelamento (Fig. 2). Aproximadamente três dias após a postura, ocorre a eclosão das larvas, com corpo cilíndrico, levemente curvado (curculioniformes)

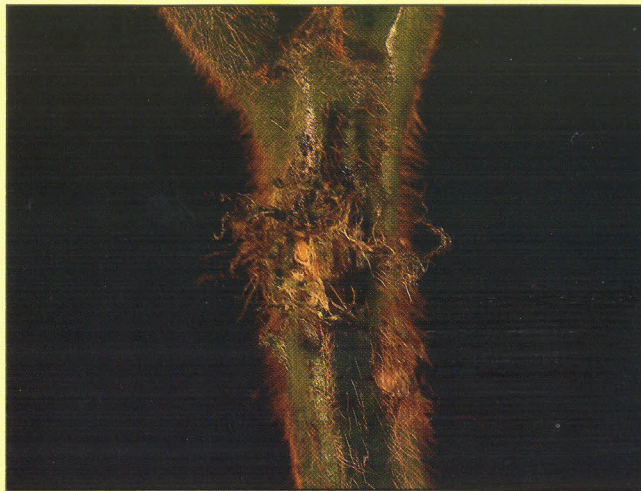


Fig. 2

desprovido de patas e com coloração branco-amarelada; a cabeça tem cor castanho-escuro.

Na fase ativa, isto é, enquanto estão se alimentando, as larvas ficam no interior da haste principal, na região do anelamento realizado pela fêmea para a postura. À medida que crescem, ocorre um engrossamento do caule, formando uma galha (Fig. 3), estrutura constituída por tecidos ressecados.



Fig. 3

Durante a fase larval, o inseto passa por cinco ínstares. No quinto ínstar, o inseto vai ao solo, onde entra em hibernação, em câmaras (Fig. 4) localizadas a profundidades variáveis, mais comumente entre 5 e 10 cm, podendo, porém, ser encontradas até 20 cm. Nesta fase, as larvas não se alimentam e permanecem na câmara até o início da próxima safra, quando, então, se transformam em pupas e, em seguida, nos adultos. A pupa é branco-amarelada do tipo livre (Fig. 5) e, quando vista dorsalmente, mostra os primórdios das asas.



Fig. 4



Fig. 5

DANOS

Para se alimentar, o adulto raspa o caule e desfia os tecidos. Quando atinge a gema apical, no início do desenvolvimento da planta, o dano é irreversível, diminuindo a população de soja da área (Fig. 6). As larvas alimentam-se da medula da haste principal e provocam o surgimento da galha, a qual dificulta a circulação da seiva, fazendo com que a planta se torne frágil, podendo quebrar sob a ação do vento e da chuva (Fig. 7).

CICLO ANUAL

O inseto é univoltino, isto é, apresenta uma geração por ano, que se inicia em outubro, quando surgem no campo os